

## Resenha

### Žižek humorista: Já ouviu aquela que ele já contou outras vezes?

Comedian Žižek: Did you hear that one he has already told several times?

**Mateus Pranzetti Paul Gruda**

Universidade Estadual Paulista. Av. Dom Antônio, 2100, 19806-900, Assis, SP, Brasil.  
Bolsista de doutorado FAPESP. mateusbeatle@yahoo.com.br

ŽIŽEK, S. 2015. *As piadas de Žižek: você já ouviu aquela sobre Hegel e a Negação?* 1ª ed., São Paulo, 168 p.

É bastante impressionante a capacidade produtiva de um dos mais proativos – e talvez o mais *pop*, visto que não raro é retratado como um *rock star* – filósofos de nosso tempo, o esloveno Slavoj Žižek, o qual publica novos livros anualmente (alguns realmente extensos), além dos inúmeros artigos em que discute tanto questões teóricas como os mais diversos assuntos candentes no momento. Claro que tal volume muitas vezes é atingido por conta do filósofo se repetir ou até plagiar a si mesmo, conforme Eagleton (2014, não paginado) escreveu em resenha de duas obras de Žižek lançadas em inglês em 2014 (“Trouble in Paradise: From the End of History to the End of Capitalism” e “Absolute Recoil: Towards New Foundations of Dialectic Materialism”: “he [Žižek] is one of the great self-plagiarisers of our time, constatly thieving stuff from his own publications”<sup>1</sup>. Ainda assim, e independentemente disso, por conta da abordagem intrigante com que tece conexões teóricas com acontecimentos políticos, produtos da indústria cultural e da vida rotineira, além da *persona* pública inquietante do filósofo, o interesse do público leitor e do mercado edi-

torial pelas obras do esloveno é considerável. No Brasil, por exemplo, boa parte dos livros de Žižek foi vertida para o português e lançada no país nos últimos quinze anos.

Destarte, de fato, não é incomum encontrarmos Žižek se valer dos mesmos exemplos, fazer as mesmas análises, mas, sobretudo, contar as mesmas anedotas/piadas em seus diferentes escritos. Inclusive, a abordagem humorística é algo utilizado e explorado constantemente pelo filósofo, o que é facilmente constatável ao assistirmos alguma de suas palestras disponíveis no Youtube (e, por ser um acadêmico *rock star*, tal como o classificamos no início desta resenha, o número de falas para serem assistidas é similar ao de apresentações ‘ao vivo’ de grupos musicais registradas pelos fãs) e em ambos os documentários roteirizados e estrelados pelo próprio Žižek (“The Pervert Guide to Cinema” e “The Pervert’s Guide to Ideology”).

Aproveitando a demanda existente por parte do público e o farto material humorístico apresentado ao longo dos tantos livros do filósofo esloveno, o escritor norueguês Audun Mortensen radiografou a obra completa de

<sup>1</sup> “Ele [Žižek] é um dos maiores plagiadores de si mesmo do nosso tempo, constantemente roubado coisas das suas próprias publicações” (em nossa tradução).

Žižek (pelo menos aquela que havia sido publicada no momento em que procedeu a esta ação), do primeiro livro, “O Sublime Objeto da Ideologia”, publicado em 1989, até “O Ano em Que Sonhamos Perigosamente”, de 2012, além de manuscritos não publicados, para reunir toda e qualquer piada, anedota ou situação humorística contada ou citada por Slavoj Žižek naquelas tantas páginas. Essa busca gerou o livro-compilação: “As Piadas de Žižek: você já ouviu aquela sobre Hegel e a Negação?” (Žižek, 2015), o qual acaba de ganhar tradução em português brasileiro pelas mãos de Rogério Bettoni, tendo sido publicado pela editora *Três Estrelas* neste ano de 2015. A edição brasileira conta com uma apresentação de Vladimir Safatle, filósofo e professor da USP, e arrola mais de cem piadas, anedotas e comentários humorísticos versando sobre a burocracia e burocratas dos Estados soviéticos, as religiões (Jesus Cristo é figura constante, principalmente, nas primeiras situações cômicas listadas), feminismo (com um raciocínio humorístico envolvendo, inclusive, uma casa noturna localizada na cidade de São Paulo/Brasil), eventos políticos recentes, sexualidade, o politicamente correto, e, até mesmo, acerca de filósofos e acadêmicos em geral.

A leitura dessa coletânea recheada de humor é, evidentemente, agradável, mas também causa certa perturbação. Pois, se, por um lado, há muitas boas “tiradas” que auxiliam no entendimento de alguns pensamentos complexos ou conceitos ao desvelá-los pela ótica humorística, por outro, a abordagem de temas delicados em conformidade a uma das lógicas do humor politicamente incorreto pode, por vezes, causar certo incômodo pelo choque (a historietta envolvendo o marido que pergunta ao cirurgião como transcorreu a operação da esposa é ilustrativa quanto a isso). Aqui vale enfatizarmos o quanto conteúdos humorísticos – nesse caso, veiculados por meio das anedotas, piadas e comentários sarcásticos acerca de determinadas situações – podem proporcionar, para além de regozijo ou mal-estar momentâneos, profundas e críticas reflexões acerca do que está sendo alvo do escárnio.

Através das distorções pela via do exagero ou da suspensão e violação das normas sociais, o véu da seriedade e de infalibilidade do que constitui a realidade é momentanea-

mente retirado, explicitando como as coisas se estruturam (Critchley, 2002); portanto, a visão engendrada na lógica do humor é profícua e poderosa para se analisar e refletir acerca da realidade. Contudo, o humor, manifestação expressa e formada fundamentalmente por contraposições dialéticas (Billig, 2005), detém a capacidade de não apenas escrachar e questionar as ideias e os ideais sérios, mas de igualmente propagá-los (Weaver, 2011) e reforçá-los. Assim, uma “piada não é só uma piada”, uma vez que está engendrada ideologicamente no contexto sócio-histórico em que é enunciada, produzindo e reproduzindo ideias que estão (ou são postas) em circulação.

Nessa compilação, podemos perceber que o humor maiormente empregado por Žižek se concentra em rememorar piadas étnicas, embora, pela contradição imanente ao humor, se vale dessas para quebrar os formalismos acadêmico-teóricos e de um tipo de politicamente correto, mas, independentemente disso, o filósofo acaba, em alguns momentos, por reiterar e reforçar os preconceitos embutidos em tais considerações – ainda que o próprio Žižek (2015) afirme que as piadas devem sempre e necessariamente atingir e ferir outrem, o que é factível, a questão é quais alvos e outros se quer atingir através do humor –, o que nos conduz a fazer eco ao comentário-síntese e posterior indagação de Eagleton (2014, s.p.): “Žižek is both breathtakingly perceptive and outrageously irresponsible. Is he just out to scandalise?”<sup>2</sup>.

## Referências

- BILLIG, M. *Laughter and Ridicule: Towards a Social Critique of Humour*. London, Sage Publications, 272 p.
- CRITCHLEY, S. 2002. *On Humour*. New York/London, Routledge, 144 p.
- EAGLETON, T. 2014. Like Socrates on steroids: Žižek is both breathtakingly perceptive and outrageously irresponsible. Is he just out to scandalise? *The Guardian*, 12 nov., s.p.
- WEAVER, S. 2011. *The Rhetoric of Racist Humour: US, UK and Global Race Joking*. Farnham, Ashgate Publishing, 224 p.

Submetido: 25/09/2015

Aceito: 05/10/2015

<sup>2</sup> “Žižek é ao mesmo tempo incrivelmente perspicaz e absurdamente irresponsável. Ele só está por aí para escandalizar?” (em nossa tradução).